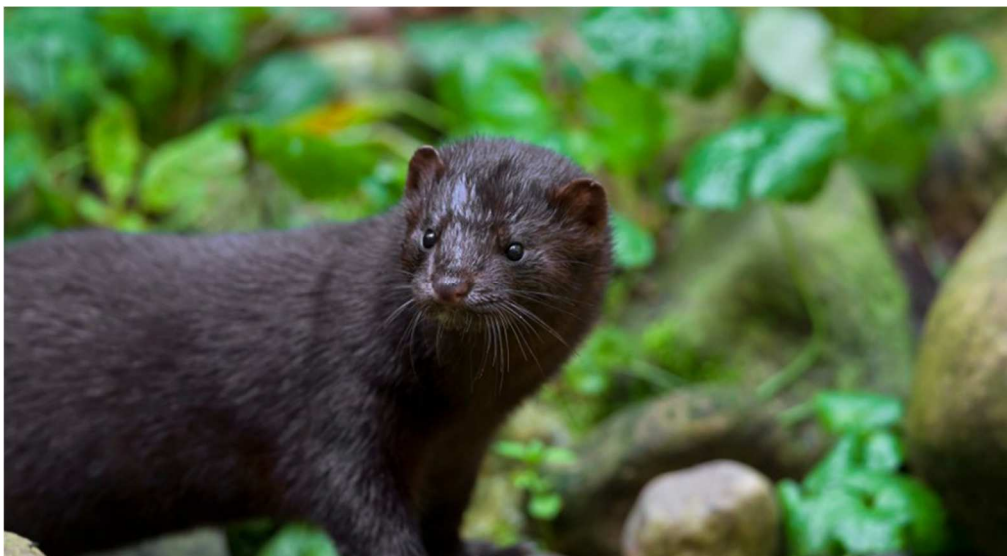


Covid-19: cientistas apontam baixo risco à mutação do vírus em visons na Dinamarca

Os cientistas consideram a mutação da Covid-19 descoberta em visons na Dinamarca "pouco preocupante". Admitem, no entanto, que poderia afetar a eficácia das vacinas que estão a ser fabricadas.

17 nov 2020, 14:57



Os especialistas apontam a decisão da Dinamarca de abater milhares de visons como uma medida de precaução

A mutação do vírus SARS-CoV-2 detetada em visons e em mais de 200 pessoas na Dinamarca neste mês **apresenta um risco pouco significativo** no contexto da atual pandemia de Covid-19, adiantaram à Lusa dois cientistas portugueses.

Apesar de a informação ter levado ao anúncio de **medidas drásticas** no país nórdico, nomeadamente com o abate de cerca de 15 milhões destes animais, e de Organização Mundial de Saúde (OMS) e Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças (ECDC, na sigla em inglês) se terem também pronunciado, a virologista Maria João Amorim, investigadora principal no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), rejeitou eventuais alarmismos.

“Não há doença mais severa e a transmissibilidade nem sequer foi [uma questão] levantada. Não me parece, para já, preocupante”, disse a cientista, que se apoiou nos dados conhecidos para refutar um grande impacto na alteração da proteína Spike, que permite a ligação às células: “A imunidade é muito mais complexa. Além de impedir a entrada, há outros mecanismos que podem não impedir a entrada, mas resultam numa infeção menos severa”.

Por sua vez, o imunologista Luís Graça, professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, reconheceu que “as diferenças entre o animal e o ser humano dão um estímulo evolutivo para o vírus se adaptar e se tornar diferente” e que essa “pressão evolutiva” em hospedeiros animais pode dar azo a crescentes mutações, mas sustentou que esse é um **processo comum** entre vírus e não acarretam necessariamente um maior risco.

Com os dados que temos disponíveis, não é uma variante que seja particularmente mais perigosa. Não se transmite mais do que outra variante – o que faz com que não haja uma pressão seletiva para que esta se vá espalhar mais depressa no mundo do que outra – e não causa doença mais grave do que as outras variantes que estão na comunidade”.

De acordo com o também investigador no Instituto de Medicina Molecular (iMM), a principal diferença na variante identificada nos visons na Dinamarca e que chegou aos seres humanos está na “redução moderada na capacidade dos anticorpos neutralizantes”. Como consequência, pessoas anteriormente infetadas com o novo coronavírus **teriam maior probabilidade de poderem contrair nova infeção por esta variante.**

“Pode fazer com que os anticorpos que são muito bons a neutralizar o vírus que evoluiu para infetar as nossas células já não sejam tão eficazes para neutralizar o vírus que evoluiu para infetar as células do animal”, referiu Luís Graça, sem deixar de citar um “risco potencial” desta situação sobre as vacinas atualmente em desenvolvimento: “As vacinas que estão a ser testadas induzem um tipo de anticorpos que é muito eficaz para o vírus que está em circulação na nossa comunidade, mas que **poderia ser ligeiramente menos eficaz** para esta variante”.

Maria João Amorim admitiu igualmente um efeito teórico sobre as futuras vacinas – como as já anunciadas pela empresa de biotecnologia Moderna (cujos dados provisórios indicam uma eficácia de 94,5%) ou pela farmacêutica Pfizer (90% de eficácia) -, mas venceu que o impacto ao nível dos anticorpos é muito

distinto entre doentes recuperados, com uma correlação significativa com a gravidade da Covid-19 desenvolvida.

Não sabemos a quantidade de anticorpos neutralizantes que são necessários para bloquear a entrada do vírus. Poderia constituir um problema, mas a diminuição [de anticorpos] é mesmo muito pequena em termos de capacidade de neutralização. Nas pessoas com um elevado número de anticorpos não se observaram diferenças, mas nas pessoas que têm números intermédios ou baixos observaram-se diferenças de cerca de metade”.

Considerando que “até ao momento ainda não apareceu nenhuma mutação que parecesse muito preocupante ou prejudicasse as vacinas”, a virologista do IGC disse ainda que a opção dinamarquesa de abater milhões de visons – também conhecidos como martas e criados em cativeiro para a indústria de peles – não passou de “uma **medida de precaução**”.

Já Luís Graça – que assinalou que o SARS-CoV-2 tem uma aquisição de mutações a um ritmo mais lento do que outros vírus, como o VIH, e que isso justifica por que razão é tão difícil uma vacina para o VIH, enquanto uma vacina para o SARS-CoV-2 é mais fácil de desenvolver -, defendeu que as “medidas radicais” do governo dinamarquês terão a virtude de “travar o processo de aquisição de mutações adicionais” sobre o novo coronavírus.

Havendo mais circulação do vírus dentro dos visons, poderia divergir mais, acumular mutações maiores e fazer com que a eficácia [de futuras vacinas] se perdesse mais significativamente. Estes animais são muito suscetíveis a estes vírus respiratórios, que neles não causam doenças e se adaptam a esse organismo, acumulando, por isso, mutações de uma forma mais rápida do que aquilo que acontece entre os seres humanos”.

A pandemia de Covid-19 provocou pelo menos 1.328.048 mortos resultantes de mais de 55 milhões de casos de infeção em todo o mundo, segundo um balanço feito pela agência francesa AFP.

Em Portugal, morreram 3.472 pessoas dos 225.672 casos de infeção confirmados, de acordo com o boletim mais recente da Direção-Geral da Saúde.

A doença é transmitida por um novo coronavírus detetado no final de dezembro de 2019, em Wuhan, uma cidade do centro da China.